



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**"O QUE MAIS DOÍA
ERA TER UMA VACINA
E ALGUÉM POR
VACINAR"**

ENFERMEIRA CÉU AMEIXINHA
COORDENADORA DO CENTRO DE VACINAÇÃO DE BRAGA

P. 04-05

OPINIÃO

A luta pela igualdade



CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

Desde sábado que a orientação sexual de um político, euro-deputado, e o que isso possa implicar para uma sociedade como a nossa, tem sido tema de debate. Ou melhor, corrijo, não terá sido tanto ou apenas a orientação sexual, mas antes a forma leve, ligeira e descomprometida como o disse, como algo natural de ser dito e assumido. As redes sociais inundaram-se de notícias, de postes, de comentários e partilhas, maioritariamente positivos, de elogio pela “coragem”. Os noticiários dedicaram grande parte do seu tempo de antena ao tema, procurando promover e explorar a reflexão, o debate, a análise, com prós e contras, numa abordagem, quiçá até excessiva, do assunto. Paulo Rangel assumiu publicamente a sua homossexualidade num programa televisivo, com elevados níveis de audiência, afirmando que “não é problema nenhum, nem é nenhum segredo.” E isto ficou-lhe bem!

Paulo Rangel, expectável candidato à liderança do PSD, é um homem inteligente e bem sabia que a sua afirmação e a forma como o disse e se assumiu, e no programa televisivo intimista em que o fez, só podia resultar bem (antecipando-se, numa jogada calculada, a outros eventuais vídeos que pudessem surgir com cheiro a chantagem, como aquele em que aparecia embriagado). E, ao contrário do que disse, a sua afirmação é extremamente relevante para lançar o debate (como rapidamente aconteceu), para iniciar um trabalho de casa com vista a quebrar tabus, a aperfeiçoar a tolerância e, acima de tudo, a exercitar a conjugação do verbo respeitar. Num país instalado em pleno século XXI, que defende a igualdade e a liberdade, mas que ainda não conseguiu se libertar das amarras de um passado menos tolerante e mais preconceituoso, é necessário que as verdades sejam ditas. E sejam ditas de forma simples, sem drama, sem demasiadas luzes, sem demasiados adereços ou subterfúgios. E, na senda que a verdade liberta, deve ser dita como ela é: simples, directa e compreensível.

O facto de a orientação sexual de alguém ser ainda tema de longos debates, de dar lugar a uma multiplicação de notícias e comentários, de dar lugar a este artigo e a tantos outros, é que devia ser de estranhar, mas não é. Todos sabemos que a maioria da população portuguesa ainda é muito conservadora no que toca à homossexualidade. São séculos de preconceitos enraizados nos nossos costumes e alimentados pela política, pelo ensino, pela religião, e que passavam de geração em geração como verdades absolutas. Até há bem pouco tempo este tema era um não-tema, não era falado, não era discutido, era apenas votado ao silêncio, como se não existisse. E em muitos países a homossexualidade ainda é crime, a que corresponde uma moldura penal pesada, muito pesada.

O preconceito existe, e a sua libertação implica todo um processo que se faz de forma lenta e calculada. A mudança de mentalidade não acontece de um dia para o outro, é preciso agir como mediadores no respeito pelas partes. Mas, diferente do preconceito, que é urgente combater, é alimentar a intolerância a ponto de a transformar num monstro com forma, cheiro e rosto de ódio, com perfil de criminoso. O ódio mata, maltrata, discrimina e destrói famílias inteiras. Famílias que vivem inseridas numa sociedade que se diz tolerante e igualitária. E isto fica-nos mal (para não dizer outra coisa)!

INTERNACIONAL

Apresentado Documento Preparatório para o Sínodo



© CNS / VATICAN MEDIA

O Secretariado Geral do Sínodo publicou e apresentou através de Conferência de Imprensa, na passada terça-feira, 7 de Setembro, o Documento Preparatório, juntamente com um Vademecum (ou manual) para indicar os princípios orientadores que irão orientar o caminho do Sínodo sobre a Sinodalidade.

A abertura solene do Sínodo acontece em Roma, de 9 a 10 de Outubro, e nas Igrejas particulares, a 17 de Outubro. O Sínodo termina no Vaticano em 2023 com a Assembleia de Bispos de todo o mundo.

O Documento Preparatório tem como objectivo ser um instrumento de apoio à primeira fase de auscultação e consulta do Povo de Deus nas Igrejas locais. Esta fase começa já em Outubro e termina em Abril de 2022.

Intitulado “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, o Documento encontra-se dividido em quatro partes: “Apelo a Caminhar juntos”, “Uma Igreja Constitutivamente Sinodal”, “A escuta das Escrituras” e “A sinodalidade em acção: roteiros para a consulta do Povo de Deus”.

No último ponto do Documento preparatório são apresentados “roteiros para a consulta do Povo de Deus”, que deverão ser adaptados aos contextos locais.

Os frutos da reflexão deverão ser condensados, no máximo, em dez páginas. O Documento Preparatório recorda mesmo que o objectivo do Sínodo não é a produção de documentos, mas sim “fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular con-

fiança, faixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns dos outros e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos” (Papa Francisco, Discurso no início do Sínodo dedicado aos jovens, a 3 de Outubro de 2018).

Durante a apresentação, o Cardeal Mario Grech, Secretário Geral do Sínodo, começou por sublinhar que o Sínodo é um caminho de discipulado que se celebra à luz do Espírito Santo, que sempre guiou a Igreja ao longo de toda a sua história. D. Grech referiu ainda que, tanto a auscultação do Povo de Deus, como o trabalho dos Pastores, são momentos espirituais.

Já o Monsenhor Luis Marín, Subsecretário do Sínodo, citou as palavras de São João XXIII, sobre a Igreja não ser um “Museu de Arqueologia” e sublinhou que a fase diocesana que se avizinha não é de preparação para o Sínodo, mas já faz parte do Sínodo em si.

“Esta fase tem vários objectivos, mas sintetizo os maiores em três: este discernimento tem como objectivo que a consulta seja verdadeira, que seja o mais ampla possível – até porque não há elites, somos todos Povo de Deus – e que a consulta seja prática, enraizada na vida, na experiência de Cristo”, adiantou.

D. Luis Marín referiu também que é necessário “abrir a mente – até porque o sínodo não é um campo de batalha, é uma renovadora experiência eclesial e não sabemos onde nos irá guiar o Espírito” – e pediu quatro atitudes aos participantes: coerência, entusiasmo, criatividade e valentia.



PAPA FRANCISCO

6 DE SETEMBRO 2021 Deus está gloriosa e misteriosamente presente na criação, pois é o Senhor que reina sobre ela. Para descobri-lo, precisamos ficar em silêncio, escutar, contemplar. #TempoDaCriação

8 DE SETEMBRO 2021 A educação é um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história. A educação é sobretudo uma questão de amor e de responsabilidade que se transmite no tempo de geração em geração.

VATICANO

Papa encontrou-se com pessoas em situação de sem-abrigo e refugiados

O Papa encontrou-se com cerca de 100 pessoas refugiadas e em situação de sem-abrigo após a apresentação do documentário 'Francisco', esta segunda-feira, no Vaticano.

"Entre eles estavam cerca de vinte pessoas que chegaram do Afeganistão (Cabul) nas últimas semanas, a quem o Papa dirigiu palavras de afeto e conforto", de acordo com o director da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni.

Este evento foi organizado pela Fundação Laudato Si e pelo cineasta Evgeny Afinevsky, que dirigiu uma saudação ao público e recordou a história da sua família, originária da Rússia, que fugiu para Israel e desembarcou nos Estados Unidos da América.

O portal 'Vatican News' adianta que a exibição do filme aconteceu num clima de "grande emoção" para as pessoas que encarnaram as tragédias de "mais de 30 povos vítimas de guerras, emergências ambientais e perseguições" e destaca a presença de quatro irmãos, entre os 14 e os 20 anos de idade, que chegaram a Itália com o apoio da Comunidade de Santo Egidio e foram entregues a um tio, sendo que os pais ficaram num campo de refugiado no Irão.



OPINIÃO

Estamos em casa

FÁTIMA CASTRO

LEIGA VOLUNTÁRIA

DA EQUIPA MISSIONÁRIA SALAMA! 2021

1 5 de Agosto. Dia da Assunção de Nossa Senhora a quem a nossa Arquidiocese é dedicada. Com esta bênção maternal parti, juntamente com o Padre Manuel Faria e onde já nos esperava a Andreia Araújo e o Frei António Champoco, com destino à paróquia extraterritorial da Arquidiocese de Braga: Santa Cecília de Ocua, na Diocese de Pemba, província de Cabo Delgado – Moçambique. Na bagagem - para além da ansiedade de partir e o desejo de chegar - trazia sonhos, esperanças, determinações e um único lema: "Ama e faz o que quiseres." (Santo Agostinho)

Cheguei com a firme convicção que tudo aquilo que fizesse, se o fizesse com e por amor, o resto Deus acrescentaria. E Deus acrescentou! Acrescenta sempre... Quando parti em missão também a minha família, e aqueles que me são próximos, partiram comigo. Assim como a minha comunidade, aquela onde cresci, e de quem ao longo dos anos fui cuidando dela e ela de mim. Ninguém é missionário sozinho e a missão não é feita apenas pelos pés daqueles que partem. A ansiedade de chegar e a nostalgia de ter deixado aqueles que amamos criou, em mim, um sentimentoagridoce. Mas cedo se dissipou ao escutar, na primeira Eucaristia em que participei no Paço Episcopal da Diocese de Pemba, o evangelho que naquele dia dizia «...todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna.» Mt. 19, 29. Que bonita (e tão intensa) esta resposta de Jesus à dúvida de Pedro... e à minha dúvida!

Dias depois de cumprirmos a formalidades para a residência no país, partimos para Santa Cecília de Ocua. Percorremos cerca de 200km para chegar à comunidade de



© FÁTIMA CASTRO

Mahipa, onde se situa a casa da missão. À medida que as praias paradisíacas de Pemba iam ficando para trás ia aparecendo a terra vermelha e as casas feitas com matope, bambu e capim.

Depois de um tempo de integração, pacientemente orientado pela Andreia, os nossos pés pediam "caminho" procurando ardentemente ser aquela "Igreja em saída" como tanto nos pede o Papa Francisco. Mas o anseio de ir ao encontro dos outros estava (e continua) impedido pelas medidas impostas pelo governo que, devido à pandemia, mantém algumas estruturas e serviços fechados, incluindo os cultos. Por isso, este é o tempo propício para amadurecer o fruto da longanimidade. É uma das lições que mais custa aprender. O ritmo do povo moçambicano é diferente do nosso. Temos que aprender a esperar... para aprender! Parar para estar e para acolher, com caridade, aqueles que nos chegam. E chegam tantos!

Chegam-nos mããs que percorrem quilómetros carregando os seus filhos às costas, envoltos em capulanas (muitas delas ainda adolescentes), à procura de leite; chegam-nos papás que, pela ausência física ou por doença da mulher, nos pedem ajuda para cuidar dos seus filhos; chegam-nos famílias que devido à falta de ambulâncias (que muitas vezes não têm combustível nem condições mínimas para transporte) procuram a missão para cuidar dos seus doentes... e chegam-nos dezenas de crianças que nos visitam diariamente à procura de "enika" (banana)... "wuepa" (tama-

rilho)... um sorriso... um "mais cinco"... ou então, os mais pequeninos, de um pouco de colo. São crianças tão sonegadas de afectos!

E a escola?! Muitas destas crianças não vão à escola... O trabalho das "machambas" (hortas) ainda prevalece sobre a educação. Talvez seja por isso que a quantidade de crianças que fala português (língua oficial de Moçambique) são em número muito reduzido. Aprendem o dialeto local - macua - e este varia de comunidade para comunidade, qual torre de Babel. Rapidamente percebi que, apesar da minha dificuldade na construção de frases em macua, havia uma língua que todos nós conhecíamos: a linguagem do amor! Basta ser acompanhada pela fonética do toque, do sorriso, do olhar... e a mensagem passa!

E eu sinto-me grata quando oiço o som das crianças ao longe que gritam "kunha" que significa "branco"; "Salama", a forma mais usual de cumprimento ou, quando já me conhecem, "mana Fátima". Ah, e riem. Riem alto e muito! Apesar das adversidades da vida mostram-me que é possível ser simples e feliz e que o amor não se vive para ser falado mas partilhado!

Termino recordando a carta de boas vinda lida por uma jovem no dia em que chegamos. Concluía com uma simples frase: "Sintam-se em casa." Sim, já me sinto um bocadinho em casa! Afinal foi (e continua a ser) o mesmo desejo que me fez partir que também me preparou a casa quando aqui cheguei. O amor. Ele veio, entrou e fez-se morada.

ENTREVISTA

"SÃO SENSACIONES QUE ACHO QUE NUNCA SE VÃO REPETIR"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA/FOTOS)

CÉU AMEIXINHA É, AINDA, A COORDENADORA DO CENTRO DE VACINAÇÃO DE BRAGA. AINDA PORQUE O TRABALHO AINDA NÃO CHEGOU AO FIM, APESAR DE ESTAR, NA MAIORIA, CONCLUÍDO. EM CONVERSA COM O IGREJA VIVA, A ENFERMEIRA FAZ UMA RETROSPECTIVA DAQUILO PELO QUE PASSOU NOS MESES DE VACINAÇÃO COM TODOS OS COLEGAS DE PROFISSÃO.

[Igreja Viva] Como é que foi – e ainda é – estar dentro do processo de vacinação?

[Céu Ameixinha] Desde o início da pandemia, todos nós que trabalhamos em saúde pública e comunitária sabemos que o que controla uma pandemia e a faz chegar ao fim é arranjar-se uma vacina. Aí a ciência foi rápida, de Março para Dezembro, Portugal também aderiu logo e nós dissemos logo que sim quando o desafio de estar aqui nos foi proposto. A 29 de Dezembro tivemos a entrega das primeiras vacinas e a 30 começamos logo a vacinar os profissionais de saúde do ACES [Agrupamento de Centros de Saúde], a seguir foram os mais idosos e mudámos de instalações – porque passamos de 50 a 100 pessoas por dia para 200 ou 300 pessoas por dia e porque, atendendo à população que cobrimos, tínhamos de ter um local maior. Entretanto, um centro de vacinação, para iniciar o trabalho, tem que estar certificado, tem que cumprir determinados requisitos e estar aprovado, por isso passamos para o espaço do ACES até esses procedimentos estarem cumpridos para este centro de vacinação. O maior factor para se começar a vacinar em massa foi a chegada das vacinas e, de facto, a certificação do centro. Nessa altura co-

meçamos cerca de 600 a 700 pessoas por dia e chegamos a vacinar mais de 3.200 pessoas num dia.

[Igreja Viva] Esse recorde foi naquela altura de Julho, quando se quebravam os recordes nacionais?

[Céu Ameixinha] Sim, foi no início de Julho. As pessoas tinham necessidade de ser vacinadas, todos queriam voltar o mais depressa possível ao normal, havia vacinas disponíveis e o que mais me doía era ter uma vacina e ter uma pessoa por vacinar. Os colegas também perceberam todos isso rapidamente, as equipas perceberam que era isto que nos fazia continuar o esforço. Agora já estamos na fase em que estamos quase a fechar a porta, perto de voltar a uma situação mais normal, já temos uma percentagem de população vacinada bastante alta. Todos os que quiserem fazer a vacina têm a porta sempre aberta e estamos no bom caminho.

[Igreja Viva] O início deste esforço de vacinação coincidiu com a fase mais complicada da pandemia em todo o país. Como é que se deu conta de ambas as coisas? Como enfermeira de saúde pública, creio que também teve que fazer o rastreio de contactos e vigilância...

[Céu Ameixinha] Sim, todos na saúde pública tratamos do rastreio de contactos e da vigilância epidemiológica, fizemos o levantamento dos casos desde o início. Nós já sabíamos que, logo que houvesse uma vacina, teríamos que fazer uma equipa dedicada. Mas só nós não chegávamos, pelo que incluímos os enfermeiros e os médicos do ACES. E embarcamos no desafio... Em toda esta pandemia, como todas as outras, por muito que se saiba, há sempre o desafio do que é novo, do que não conseguimos controlar. Lembro-me que, no primeiro dia da vacinação, quando me desafiaram para ficar, pedi que ficasse outro colega, e nessa noite nenhum de nós dormiu. A vacinação já tinha começado, a responsabilidade era muito grande e, para quem é profissional e tem brio... Isto pesa. Foi uma noite passada em claro. Aliás, na noite da entrega das vacinas, de 28 para 29 de Dezembro, também estávamos cheios de emoção por irmos receber a vacina, quase como quem descobre um tesouro, uma salvação... Não dormi nada aí! Disseram que a vacina chegava às seis da manhã e eu tinha que estar lá a essa hora, e com toda a antecipação eu acordava quase de hora a hora. O que deve ser normal para quem





Fecho a porta mesmo satisfeita. Outro dia disse a brincar ao meu director que se calhar era hora de ir para a reforma. Mas eu não tenho idade! Mas se terminasse agora minha vida profissional, podia dizer que terminei a minha carreira em grande.

tem responsabilidades assim... Mas foi uma emoção que não consigo ainda hoje descrever.

[Igreja Viva] Não é errado dizer que estiveram a tentar fazer mais pano sempre com o mesmo tecido, pois não?

[Céu Ameixinha] Não é errado, estivemos sempre assim. Todos os profissionais foram incedíveis, perceberam que era este o caminho e fizeram muitas, muitas horas. Durante 6 meses, de 23 de Fevereiro até ao dia 15 de Agosto, não tive sábados nem domingos. Trabalhei 14 a 16 por dia, todos os dias. Acho que é a missão da minha vida profissional! Já tinha estado na pandemia do H1N1 e na vacinação, mas nada nessa altura foi tão lesivo nem tão marcante como desta vez. São dimensões completamente diferentes. Emocionei-me quando as pessoas também se emocionavam a ser vacinadas. Muitas pessoas que tiveram familiares ou amigos próximos a falecer com covid choravam ao ser vacinadas. E também houve coisas engraçadas. A vontade das pessoas quererem ser tão vacinadas era tal que ti-

vemos uma noiva que, meia hora antes de casar, veio ser vacinada!

[Igreja Viva] Tinha o agendamento feito e não quis perder a vez?

[Céu Ameixinha] Tinha a vacina agendada e não quis perder a vez! Veio com o vestido de noiva, de ramo na mão! Foi muito giro! Tivemos muitas pessoas que, antes de irem para casamentos ou baptizados, vinham ser vacinados. Houve também um senhor cuja esposa tinha falecido e a vacina tinha ficado marcado para o dia e hora exacta do funeral. Esse senhor apareceu de manhã cedo, às 8h da manhã, a pedir para lhe darmos a vacina mais cedo porque ele não queria ir ao funeral sem ter a vacina nem perder a vacina. Estes episódios, estes momentos, foi o que acabou por dizer que estávamos a fazer o trabalho certo e bem. Foram muito gratificantes. E não só esses momentos mais marcantes. Muita gente agradecia, traziam doces, foram sempre muito carinhosas. Há sempre dois ou três que não, que querem sempre mais e não percebem que esperam cinco minutos não porque estamos aqui dentro a brincar, mas porque queremos fazer as coisas bem. Mas o grosso das pessoas foi muito generosa e percebeu não só a dimensão da pandemia como a importância de estarmos juntos para a vencer. Foi bonito, essa parte foi deliciosa. São emoções, são sensações que acho que nunca se vão repetir.

[Igreja Viva] Por um lado, esperemos que não!

[Céu Ameixinha] Sim! Mas com esta dimensão, acho que não. Pelo menos na minha vida profissional e pessoal, acho que não. Mas foi muito bonito.

[Igreja Viva] Já falamos do início do processo de vacinação em massa, mas o que é que sentiu nessa fase em que a vacinação se começou a alargar?

[Céu Ameixinha] Senti esperança de que as coisas iam finalmente começar a endireitar-se. Ao conseguirmos o espaço... A InvestBraga, o Fórum Braga, a Protecção Civil e a Câmara Municipal foram incedíveis, congregaram esforços connosco com o objectivo de impulsionar a vacinação, e ficamos com um espaço grande, amplo, que

nos permitiu ter muita gente ao mesmo tempo. A partir daí, nós sabíamos que era uma questão de tempo. Passado este tempo todo, a sensação é a mesma. Trabalhamos bem, conseguimos ir além do que queríamos – vacinamos pessoas fora do nosso ACES, ou porque trabalhavam aqui ou porque dava mais jeito, ou porque tínhamos mais vacinas disponíveis do que outros sítios... Isso foi gratificante, acho que é esse o espírito de sair de uma coisa destas. Trabalhamos todos para o mesmo. Fecho a porta mesmo satisfeita. Outro dia disse a brincar ao meu director que se calhar era hora de eu ir para a reforma. Mas eu não tenho idade! Mas se terminasse agora a minha vida profissional, podia dizer que terminei a minha carreira em grande. Isto saiu-me do corpo, a mim e a todos, dá dores... Mas foi bom. Em termos de profissionais, fico muito contente quando me dizem que se viveu aqui um verdadeiro espírito de missão e da profissão. Todos iguais, cada um com o seu papel mas todos parte da mesma equipa, todos sabiam que eram fundamentais para isto correr bem e sairmos do que nos estava a atormentar. Foi muito bom, criou-se um espírito de solidariedade e de companheirismo profissional que já não se vivia há muitos anos. Criou-se um bom espírito de camaradagem. Penso que o nosso sucesso também se deve um pouco a isso. E nunca olhámos à hora de sair, se fosse preciso ficar até à meia-noite ou mais tarde, ficávamos. Mesmo sem ser preciso esse esforço, seria pena perder esse espírito. Outra coisa boa que a vacinação aqui em Braga teve é que conseguimos contratar profissionais recém-formados para integrar esta equipa residente. Os enfermeiros e os médicos puderam pôr em prática os conhecimentos que aprenderam na universidade. Agora vamos ver se não vamos perder isso... Estas pessoas novas foram uma mais-valia, foram um grande contributo e acho que a sociedade e o próprio Governo também lhes deve isso. Nós, os que já cá estávamos e estamos no quadro de efectivos, vamos continuar. Mas é preciso criar esses espaços para médicos, enfermeiros e auxiliares continuarem a reforçar o que faz falta no dia-a-dia de cada serviço de saúde.



“Tomando uma criança, colocou-a no meio deles”

XXV DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Diante do altar, colocar um arranjo floral rasteiro com predomínio de verde e com as flores todas à mesma altura.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Sab 2, 12.17-20

Leitura do Livro da Sabedoria

Disseram os ímpios: “Armemos ciladas ao justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas obras; censura-nos as transgressões à lei e repreende-nos as faltas de educação. Vejamos se as suas palavras são verdadeiras, observemos como é a sua morte. Porque, se o justo é filho de Deus, Deus o protegerá e o livrará das mãos dos seus adversários. Provemo-lo com ultrajes e torturas, para conhecermos a sua mansidão e apreciarmos a sua paciência. Condenemo-lo à morte infame, porque, segundo diz, Alguém virá socorrê-lo.”

Salmo responsorial

Salmo 53 (54), 3-4.5.6.8 (R. 6b)

Refrão: O Senhor sustenta a minha vida.

LEITURA II Tg 3, 16 – 4, 3

Leitura da Epístola de São Tiago

Caríssimos: Onde há inveja e rivalidade, também há desordem e toda a espécie de más acções. Mas a sabedoria que vem do alto é pura, pacífica, compreensiva e generosa, cheia de misericórdia e de boas obras, imparcial e sem hipocrisia. O fruto da justiça semeia-se na paz para aqueles que praticam a paz. De onde vêm as guerras? De onde procedem os conflitos entre vós? Não é precisamente das paixões que lutam nos vossos membros? Cobiças e nada conseguis: então assassinais. Sois invejosos e não podeis obter nada: então entraís em conflitos e guerras. Nada tendes, porque nada pedis. Pedis

e não recebeis, porque pedis mal, pois o que pedis é para satisfazer as vossas paixões.

EVANGELHO Mc 9, 30-37

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, Jesus e os seus discípulos caminhavam através da Galileia. Jesus não queria que ninguém o soubesse, porque ensinava os discípulos, dizendo-lhes: “O Filho do homem vai ser entregue às mãos dos homens, que vão matá-lo; mas Ele, três dias depois de morto, ressuscitará”. Os discípulos não compreendiam aquelas palavras e tinham medo de O interrogar. Quando chegaram a Cafarnaum e já estavam em casa, Jesus perguntou-lhes: “Que discutíeis no caminho?”. Eles ficaram calados, porque tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior. Então, Jesus sentou-se, chamou os Doze e disse-lhes: “Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos”. E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles, abraçou-a e disse-lhes: “Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe; e quem Me receber não Me recebe a Mim, mas Àquele que Me enviou”.

REFLEXÃO

Não cedamos ao facilitismo: inveja e cobiças provocam más acções. Nós somos chamados a acolher a sabedoria que vem de Deus: “é pura, pacífica, compreensiva, cheia de misericórdia e de boas obras”; faz-nos praticar o bem e viver em paz, com a graça de Deus.

“Cheia de misericórdia”

A Carta de Tiago, que conduz a reflexão desta ‘série’ sobre a fraternidade, oferece-nos, neste Vigésimo Quinto Domingo (Ano B), uma radiografia sobre as causas

dos conflitos e das divisões entre nós e no seio das nossas comunidades.

Entre as razões da instabilidade nas relações interpessoais estão a inveja e a cobiça, a rivalidade e a desordem, e toda a espécie de más acções.

Comprova-o o comportamento dos discípulos que, segundo o evangelista, discutem entre si sobre qual deles é o maior. E nós, também discípulos, de que é que discutimos? Qual será a principal denuncia a fazer sobre o nosso comportamento dentro desta comunidade (paroquial)?

A inveja e a cobiça, além das relações interpessoais, prejudicam também a nossa relação com Deus. Paolo Scquizzato afirma que têm a capacidade de destruir por completa a nossa vida espiritual. Sem se dar conta, o invejoso acaba por entrar num processo de auto-destruição.

O invejoso fica cego, tal como indica a etimologia da palavra: não ver bem. O invejoso possui um olhar maligno sobre si e sobre os outros, é incapaz de reconhecer o bem de maneira objectiva. Jesus Cristo entrega-nos um antídoto claro e direto, que podemos repetir como refrão de um hino à fraternidade: “Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos”. Juntamente com a imagem de uma criança, esta frase ilustra o essencial deste episódio. É ‘a música do Evangelho’, que há de vibrar em cada um de nós.

Somos todos irmãos! Com a cobiça, refere a Carta de Tiago, nada conseguimos; o mesmo com a inveja, nada obtemos. Um dos melhores colírios para curar a cegueira da inveja e da cobiça é composto de fraternidade e de misericórdia. Este quarto ‘episódio’ convida a trocar a inveja e a cobiça, a rivalidade e a desordem, e toda a espécie de más acções, pela fraternidade que, como a sabedoria divina, “é pura, pacífica, compreensiva e generosa, cheia de misericórdia e de boas obras, imparcial e sem hipocrisia”.

A música do Evangelho

A misericórdia é o nome de Deus. Jesus Cristo é o rosto dessa misericórdia; nele, torna-se viva e visível. É a fonte da nossa identidade cristã. É a trave mestra que suporta a vida da Igreja, de cada uma das nossas comunidades paroquiais.

“Não podemos esconder que, ‘se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança [...]. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher’. [...] Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo” (FT 277).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

Do Evangelho de hoje poder-se-ia tirar a oração do acólito. Ao paramentar-se, o acólito veste a túnica branca, sinal da renúncia a si mesmo e do revestimento de Cristo, e coloca a Cruz ao peito, sinal do cumprimento da Palavra de Jesus: “tome a sua Cruz”; seguidamente, o acólito segue a procissão de entrada seguindo a cruz hastil. Cumpre-se assim na linguagem simbólica da liturgia o preceito do Evangelho.

Leitores

“Só ouves o que te interessa”. Muitas vezes ouvimos esta reprimenda. De facto, muitas vezes não é a nossa capacidade física de ouvir que está alterada; somos nós que colocamos filtros nos ouvidos e nos nossos sentidos em geral. Por isso pedimos a Deus que nos abra os lábios para proclamar o seu louvor, os olhos



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do XXV Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 419)

Oração Eucarística: Oração Eucarística II das Missas da Reconciliação com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1321ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Durante esta semana, vamos ter como particular inquietação cultivar e testemunhar o espírito de humildade e serviço. Em casa, no trabalho ou na escola, vamos ter o cuidado de nos anteciparmos no serviço aos outros.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** Eu sou a salvação do Meu Povo – C. Silva
- **Apresentação dos dons:** Tudo Vos damos – M. Faria
- **Comunhão:** Quem quiser ser o primeiro – Az. Oliveira
- **Final:** Nós vamos com o Senhor – H. Faria

para contemplar as maravilhas de Deus e os ouvidos para acolher cordialmente a Palavra de Deus.

Ministros Extraordinários da Comunhão

Por vezes, o MEC vai levar a comunhão a doentes que vê estarem em situação de necessidade. Seria hipócrita se executasse todo o ritual previsto para a Comunhão e depois lhe dissesse: “Fica em paz”. É obrigação do MEC não apenas prestar auxílio pessoalmente, mas também reportar discretamente à comunidade cristã que ele representa as situações de necessidade que encontra, porque a fé sem obras está completamente morta.

Músicos

Num grupo musical, todos têm a sua opinião de como se deveriam fazer as coisas. Uns acham que deveria ser mais lento, outros mais rápido; uns em polifonia, outros a uma voz só; uns que se devia cantar determinado cântico, outros que se deveria variar mais. Todavia, não se podem seguir todas as sugestões e cada um deve saber renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir de coração generoso quem dirige.

Celebrar em comunidade

Acolhimento

No acolhimento da assembleia, podem convidar-se as crianças a ficarem nos lugares mais próximos do altar.

Preparação Penitencial

Sugere-se a fórmula C da Preparação Penitencial, com os tropos apresentados no *Missal Romano* (p. 443).

Homilia

1. “Na dádiva, a criança reconhece de imediato o amor de quem dá” (Hans Urs von Balthasar). Como crianças abraçadas por Jesus, entramos neste dinamismo de gratuidade, humildade e serviço, acolhendo a oferta maior que Ele nos pode dar: a entrega oblativa da sua própria vida, que nos salva.
2. Não obstante este modelo claro de Jesus, que nos apresenta o horizonte da humildade, do serviço e da entrega da própria vida, queremos muitas vezes inverter este processo, alicerçando os nossos critérios na grandeza e no poder, colocando-nos em bicos de pés, fazendo-nos o centro e maiores do que o

próprio Mestre.

3. Quando o orgulho e a prepotência começam a dominar o nosso coração, as relações com as outras pessoas ficam fragilizadas, fazendo surgir rivalidades, invejas, conflitos. Mas se alguém quer quebrar este ciclo de violência, é tido também como um alvo a abater, armando-lhe ciladas e pondo-o à prova.
4. A Palavra de Deus e o sopro do Espírito querem modelar o nosso coração, para o tornar sensível, semelhante ao de Jesus, que vem para servir na atenção aos demais, evitando assim a dureza de coração, que entra em choque com outros corações feridos.

Oração Universal

- Irmãs e irmãos, com um coração de criança, oremos juntos a Deus, nosso Pai, dizendo, cheio de esperança:
- R.** Fazei o nosso coração semelhante ao vosso.
1. Para que os nossos Bispos, os nossos presbíteros e diáconos saibam acolher os que deles se aproximam e iluminá-los com palavras do Evangelho, oremos de coração sincero.

2. Para que cessem os conflitos e as guerras, em que os justos continuam a ser perseguidos, de modo especial os cristãos do Oriente, os refugiados e as crianças, oremos de coração sincero.

3. Para que todas as famílias dizimadas pelo mal, nomeadamente os abandonados, os doentes, as vítimas de violência, encontrem a fortaleza e a esperança no Senhor, oremos de coração sincero.

4. Para que todos os estudantes, que iniciam um novo ano letivo, colaborem para a construção da paz na escola e na família e sejam respeitados e acolhidos, oremos de coração sincero.

5. Para que a nossa comunidade (paroquial) sinta os problemas de todos os que sofrem e se preocupe sobretudo com os mais pobres, oremos de coração sincero.

Senhor, nosso Deus, acolhei as nossas súplicas, e, na vossa bondade e misericórdia, vinde em auxílio de todas as crianças. Por Cristo, nosso Senhor.
R. Ámen.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Tomando uma criança,
colocou-a no meio deles”

VIGÉSIMO QUINTO DOMINGO
ANO B - 2021



LABORATÓRIODA FÉ



NOMEAÇÕES ECLESIASTICAS

Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga, por mercê de Deus e da Santa Sé, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas;

Perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, procedo às seguintes nomeações:

Padre José Francisco Rodrigues Lopes Lima dispensado, a seu pedido e por razões de idade e saúde, da paróquia de São Martinho de Balugães e São Lourenço de Durrães, Arciprestado de Barcelos;

Padre Dex-Steve Goyeko, dispensado da paróquia de Santa Maria de Caires, São Paio de Besteiros, São Pedro de Portela e Santa Maria de Torre, Arciprestado de Amares e nomeado Pároco de São Martinho de Balugães e São Lourenço de Durrães e São Tiago de Couto, Arciprestado de Barcelos;

Padre José Gomes da Silva Araújo, dispensado da paróquia de São Tiago de Couto, Arciprestado de Barcelos, continuando com a paróquia de São Martinho de Galegos e Santa Maria de Galegos do mesmo Arciprestado;

Padre Tiago Aparício Simões Barbosa, CSSp, nomeado Administrador Paroquial de Santa Maria de Caires, São Paio de Besteiros, São Pedro de Portela e Santa Maria de Torre, Arciprestado de Amares e Capelão da Santa Casa da Misericórdia de Amares e Colaborador do Departamento Arquidiocesano para as IPSS Canónicas.

Braga e Cúria Arquiepiscopal,
9 de Setembro de 2021
† Jorge Ferreira da Costa Ortiga,
Arcebispo Primaz



A INICIAÇÃO CRISTÃ EM TEMPOS DE SECULARIZAÇÃO



Tendo como ponto de partida uma das catequeses batismais do Papa Francisco, onde apresenta a importância da iniciação cristã para termos cristãos adultos na fé, os textos deste volume procuram promover a reflexão sobre esta problemática tendo em conta os desafios culturais, bíblicos, teológicos e litúrgico-pastorais que estes tempos de secularização colocam à evangelização da Igreja.

Compre online em www.livrariadm.pt